

MICROSCÓPIO

O illustre "leader" da maioria, sr. Nereu Ramos, afastou cuidadosamente na entrevista há poucos dias concedida à imprensa qualquer responsabilidade do Partido Social Democrático, ou do sr. Presidente da República, na iniciativa do entendimento político que se está tentando fazer, para o atribuir inteiramente à União Democrática Nacional.

Em tese, nenhuma diminuição ou desdouro haveria para qualquer das três partes citadas, que houvesse tomado a iniciativa. Dada a atitude em que foi posta a questão, dados os objetivos puramente patrióticos do entendimento, mal não ficaria à oposição democrática o havê-lo sugerido. Pelo contrário, ainda mais se recomendaria à consideração pública, por sua isenção e patriotismo. Mas melhor, muito melhor ficaria ao Governo, que é o responsável pelos destinos do País, ou ao Partido Social Democrático, que é a base política onde o Governo assenta, o haver tomado a iniciativa de um ato que, sem exagero, se pode considerar de salvação pública.

Entretanto, assim não o entende o sr. Nereu Ramos. Afasta cuidadosamente do seu Partido qualquer responsabilidade na meritória empreza (no que está sendo verídico), recusa-a também ao sr. Presidente da República, que, por todos os títulos, é quem mais se poderia honrar com ela, para atribuí-la à União Democrática Nacional, o que não parece exato.

Como explicar essa estranha posição do honrado "leader" majoritário? Trata-se, por certo, de uma característica deformação de mentalidade, produzida por mais de meio século de presidencialismo latino-americano. Neste regime, o conceito dominante, a idéia-força é o poder, simplesmente o poder: uns o exercem e outros se lhe submetem, nada mais. Sendo assim, governo, que solicita auxílio da oposição, é governo que começa a deixar de ser governo; e Partido majoritário, que pede colaboração, é Partido que confessa já não poder dispor livremente da coisa pública e perde, por isto, o seu prestígio. "Nós somos a maioria e, por isto, fazemos o que bem entendemos" — dizia o illustre "leader" no começo dos trabalhos da Assembléia Constituinte.

Compreende-se que não lhe esteja agradando, agora, reconhecer restrições a tal direito, tão enfaticamente proclamação. Mas — repito-o — a culpa é do regime que perverte os conceitos mais fundamentais da democracia.

RAUL PILLA